

Ele, porém, lhes respondeu: o meu Pai trabalha até agora, eu também trabalho.

João 5:17

Trabalho

Em todos os recantos, observamos criaturas queixosas e insatisfeitas.

Quase todas pedem socorro. Raras amam o esforço que lhes foi conferido. A maioria revolta-se contra o gênero de seu trabalho.

Os que varrem as ruas querem ser comerciantes; os trabalhadores do campo prefeririam a existência na cidade.

O problema, contudo, não é de gênero de ta-

refa, mas o de compreensão da oportunidade recebida.

De modo geral, as queixas, nesse sentido, são filhas da preguiça inconsciente. É o desejo ingênuo de conservar o que é inútil e ruinoso, das quedas no pretérito obscuro.

Mas Jesus veio arrancar-nos da “morte no erro”. Trouxe-nos a bênção do trabalho, que é o movimento incessante da vida.

Para que saibamos honrar nosso esforço, referiu-se ao Pai que não cessa de servir em sua obra eterna de amor e sabedoria e à sua tarefa própria, cheia de imperecível dedicação à humanidade.

Quando te sentires cansado, lembra-te de que Jesus está trabalhando. Começamos ontem nosso humilde labor e o Mestre se esforça por nós, desde quando?

(*Caminho, verdade e vida*. FEB Editora. Cap. 4)

Burilamento¹⁵

Muitas vezes, entregas-te a melancólicas reflexões, em torno de transformações espirituais que inutilmente intentaste.

Deste o máximo de abnegação ao filho estremecido para quem planejaste luminoso futuro, sem conseguir talvez arrancá-lo à rebeldia em que persiste; ofertaste a própria existência aos pais queridos, ornamentando-lhes o caminho de auxílio e ternura, e, provavelmente, nem de leve pudeste arredá-los da discórdia a que jazem atrelados por longo tempo; situaste todo o coração no carinho por esse ou aquele companheiro, aguardando-lhes em vão qualquer concurso nas tarefas edificantes que te felicitam a alma; empenhaste os mais nobres sentimentos na melhoria desse ou daquele grupo de entes amados, seja no lar ou na organização de serviço a que te afeiçoas, e, por maior o esforço despendido, nada colheste, até agora, senão amargura e negação.

Em meio do trabalho absorvente, costumavas interromper as próprias atividades, indagando

de ti mesmo se vale a pena continuar no esforço renovador... Semelhante introdução ao desespero comumente aparece, porque, em muitas ocasiões, experimentas o desencanto de quem cava num monte de pedras, procurando debalde o fio d'água que lhe foge à sede, ou a fadiga de quem cruza o deserto, em todas as direções, sem achar caminho para vanguarda libertadora... Ainda assim, persevera nos bons propósitos e colabora, quanto possível, pela consecução dos objetivos de fraternidade e aprimoramento a que devemos todos visar.

Uma pergunta só dar-nos-á reconforto: se Jesus, há milênios, trabalha por nós, para que tenhamos o pequenino clarão de conhecimento com que hoje tentamos dissipar as sombras que ainda trazemos, por que desanimar na obra de amparo aos que amamos, se apenas agora começamos a servir no terreno da luz?

(*Reformador*, nov. 1967, p. 243)

Na hora da fadiga

Quando o cansaço te procure no serviço do bem, reflete naqueles irmãos que suspiram pelo mínimo das facilidades que te enriquecem as mãos.

Pondera não apenas as dificuldades dos que, ainda em plenitude das forças físicas, se viram acometidos por lesões cerebrais, mas também no infortúnio dos que se acham em processos obsessivos, vinculados às trevas da delinquência.

Observa não somente a tortura dos paralíticos, reclusos em leitos de provação, mas igualmente a dor dos que não souberam entender a função educativa das lutas terrestres e caminham, estrada afora, de coração enrijecido na indiferença.

Considera não apenas o suplício dos que renasceram em dolorosas condições de idiotia, reclamando o concurso alheio nas menores operações da vida orgânica, mas também o perigoso desequilíbrio daqueles que, no fastígio do conforto

material, resvalam em ateísmo e vaidade, fugindo deliberadamente às realidades do espírito.

Medita não somente na aflição dos que foram acidentados em desastres terríveis, mas igualmente na angústia dos que foram atropelados pela calúnia, tombando moralmente em revolta e criminalidade, por não saberem assimilar o benefício do sofrimento.

Quando a fadiga te espreite a esfera de ação, pensa naqueles companheiros ilhados em padecimentos do corpo e da alma, a esperarem pelo auxílio, ainda que ligeiro, de teu pensamento, de tua palavra, de tua providência, de tuas mãos...

Se o desânimo te ameça, examina se o abatimento não será unicamente anseio de repousar antes do tempo, e se te reconheces conscientemente dotado de energias para ser útil, não te confies à inércia ou à lamentação.

Quando a fadiga apareça, recorda que alguém existe, a orientar-te e a fortalecer-te na execução das tarefas que o Alto te confiou; alguém com

suficiente amor e poder, a esperar-te os recursos e dons na construção da Vida melhor... Esse alguém é Jesus, a quem aceitamos por Mestre e que, certa feita, asseverou, positivo, à frente dos seguidores espantados por vê-lo a servir num dia consagrado ao descanso: “Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também”.

(Estude e viva. FEB Editora. Cap. 28)

Trabalho, solidariedade, tolerância¹⁶

O trabalho edifica.

A solidariedade aperfeiçoa.

A tolerância eleva.

Trabalhando, melhoramos a nós mesmos.

Solidarizando-nos, enriqueceremos o mundo.

Tolerando-nos, engrandeceremos a vida.

Para trabalhar, com êxito, é necessário obedecer a lei.

Para solidarizar-nos, com proveito, é indispen-

sável compreender o bem e cultivá-lo.

Para tolerar-nos, em sentido construtivo, é imprescindível amar.

Em vista disso, o Mestre divino, há quase dois milênios, afirmou para o mundo:

“Meu Pai trabalha até hoje, e eu trabalho também.

Estarei convosco até o fim dos séculos.

Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.

Trabalhemos, então, construindo.

Solidarizemo-nos, beneficiando.

Toleremo-nos, amando sempre.

Vinculada aos fundamentos divinos, a sublime trilogia de Allan Kardec é plataforma permanente, em nossos círculos doutrinários, constituindo lema substancial que não pode morrer.

(Luz no caminho. Ed. Cultura Espírita União. Cap. “Trabalho, solidariedade, tolerância”)

Nossa casa¹⁷

A mente é a casa viva onde cada um de nós reside, segundo as nossas próprias concepções.

A imaginação é o arquiteto de nosso verdadeiro domicílio.

Se julgarmos que o ouro é o material adequado à nossa construção, cedo sofremos a ventania destruidora ou enregelante da ambição e da inveja, do remorso e do tédio, que costuma envolver a fortuna, em seu castelo de imprevidência.

Se supomos que o poder humano deve ser o agasalho de nosso espírito, somos apressadamente defrontados pela desilusão que habitualmente coroa a frente das criaturas enganadas pelos desvarios da autoridade.

Se encontramos alegria na crítica ou na perversidade, naturalmente nos demoramos no cárcere escuro da maledicência ou do crime.

Moramos, em espírito, onde projetamos nosso

pensamento.

Respiramos o bem ou o mal, de acordo com as nossas preferências na vida.

Na Terra, muitas vezes temos a máscara física emoldurada em honrarias e esplendores, guardando nossa alma em deploráveis cubículos de padecimentos e trevas.

Só o trabalho incessante no bem pode oferecer-nos a milagrosa química do amor para a sublimação de nosso lar interno.

Por isso mesmo, disse Jesus: “meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também”.

Idealizemos mais luz para o nosso caminho.

Abracemos o serviço infatigável aos nossos semelhantes e a nossa experiência, de alicerces na Terra, culminará feliz e vitoriosa, nos esplendores do Céu.

(*Reformador*, fev. 1956, p. 39)

¹⁵ Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 8,

com pequenas alterações.

16 Texto publicado em *Trevo de ideias*. Ed. GEEM. Cap. “Tolerância”, com pequenas alterações.

17 Texto publicado em *Coragem*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 10, com pequenas alterações.